

CARTAS PESSOAIS ESCRITAS NO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO XIX:

fonte para reconstrução de perfil sociocultural

Júlia Schaefer Trindade – BIC FAPERGS (juliasttrindade@gmail.com)
Orientado pela Prof.ª. Dr.ª. Valéria Neto de Oliveira Monaretto

INTRODUÇÃO

O material escrito no passado é uma das fontes para se estudar a variação e mudança linguística. Por isso, a Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982) propõe aplicar a análise de categorias sociais em um *corpus* escrito, através do qual é possível se perceber aspectos de variação linguística em uma determinada sincronia. O anúncio de um jornal de Porto Alegre de 1831, reproduzido em sua forma gráfica original, pode ilustrar registros escritos nos quais se observa um padrão gráfico para a representação de ditongos nasais /aw/ e um léxico um pouco diferente do sistema de língua atual.

Na rua da Praia N.72 debaixo da Caza do Defunto Costodio Jozé Teixeira de Magalhaes se poz huma Nova loja de Barbeiro aonde se Despontão cabelos e se cortão na ultima moda se tirão, alimpão e chumbão dentes com toda a perfeição e se sangra e se bota bichas; e tambem se vendem; quem se quizer utilizar de qualquer destes prestimos dirija-se a mesma.

(Correio da Liberdade, n. 9, 14/05/1831 – Porto Alegre –RS)

OBJETIVO

Este trabalho, inserido dentro de uma pesquisa maior sobre a investigação de variáveis fonológicas em um estágio de língua do passado, procura continuar uma investigação realizada anteriormente em jornais escritos e distribuídos no Rio Grande do Sul, no século XIX. Como na ocasião não se pode resgatar alguns aspectos socioculturais dos redatores, importantes para o trabalho sociolinguístico, optou-se por trabalhar com um conjunto de cartas pessoais escritas de uma família conhecida do Rio Grande do Sul na época oitocentista (Júlio Prates de Castilhos) a fim de se aplicar categorias sociais para o exame de condicionamento social em aspectos variáveis fonológicos.

METODOLOGIA

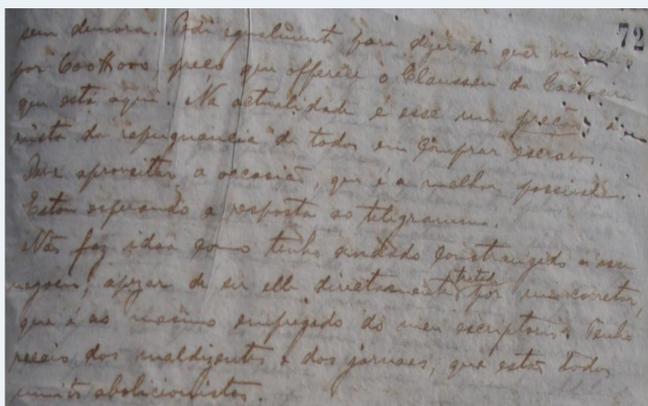
A metodologia da pesquisa em um estado de língua no passado, por meio de fontes escritas primárias, requer alguns cuidados. Dentre as dimensões que devem ser levadas em conta ao se interpretar variação em dados (MONTGOMERY, 2007), há os aspectos **sociais**, como:

Por quem o texto foi produzido? O que se sabe sobre o autor do texto? Qual sua faixa etária, grau de escolaridade e estilo? Foram lidas e transcritas, segundo normas específicas de transcrição semi-diplomática, cartas pessoais manuscritas trocadas entre Júlio de Castilhos, importante figura política da época, e seus familiares na segunda metade do século XIX, disponíveis no Arquivo Histórico do Memorial do Rio Grande do Sul e no Museu Júlio de Castilhos.

CORPUS & ANÁLISE

REMETENTE	DESTINATÁRIO	Nº de cartas
Julio	Honorina (esposa)	5
Julio	Chiquinho (irmão)	1
Julio	Carolina (mãe)	1
Julio	Maria Cecília (irmã)	1
Julio	Carlos (irmão)	1
Julio	Rita de Cássia	1
Carolina (mãe)	Julio	3
Carolina (mãe)	Francisco (pai)	1
Francisco (pai)	(s/d)	1
Adelaide (irmã)	Honorina (esposa)	1
Carlos (irmão)	(s/d)	1
Honorina (esposa)	Julio	3
Chiquinha (cunhada)	Honorina (esposa)	1
Honório (filho)	Honorina (esposa)	1
TOTAL		22 cartas
MANUSCRITOS		
Cartas de Carlos (irmão)		
Bilhetes dos irmãos de Julio		
Redações de Julia (filha)		
Redações de Eugênia (filha)		
TOTAL	4 manuscritos	

Trabalhar com cartas manuscritas exige uma leitura cuidadosa e minuciosa devido à caligrafia particular de cada escritor, ao padrão de escrita de época (diferente da atualidade), às condições de legibilidade das cartas e à falta de transcrições fiéis à forma original. A escolha destas missivas deu-se pela vantagem de ser possível estratificar um *corpus* histórico em categorias para uma investigação sociolinguística sobre os remetentes/destinatários, como: gênero, nível cultural, idade, grau de parentesco, tipo de relação. O exame dessas cartas possibilitará reconstruir um padrão de língua escrita, utilizado por essas pessoas, distribuídas em diferentes variáveis sociais. Por ora, alguns aspectos socioculturais foram observados em uma família de alto nível cultural e social da aristocracia rio-grandense no século XIX. Abaixo, há uma ilustração de uma carta original e de sua transcrição.



Acerca da procuração para a venda do Annibal hon- | tem mesmo telegrapei a V. pedindo que a enviasse

[fol. 2r]

sem demora. Pedi igualmente para dizer si quer vendel-o | por 600#000, preço que oferece o Claussen da Cachoeira | que está aqui. Na actualidade é esse um preço, á | vista da repugnancia de todos em comprar escravos. || Deve aproveitar a occasião, que é a melhor possível. | Estou esperando a resposta ao telegramma. || Não faz ideia como tenho andado constringido n'esse | negocio, apezar de ser elle directamente <[tratado]> por um corretor, | que é ao mesmo empregado do meu escriptorio. Tenho | receio dos maldizentes e dos jornaes, que estão todos | muito abolicionistas. || A idéa de contracto

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES E PERSPECTIVAS

É importante conhecer a comunidade de época quando se estuda um estado de língua no passado porque formas linguísticas podem ser utilizadas conforme o nível cultural e social de quem escreve e para quem escreve. Diferenças de registros e de emprego de expressões e construções linguísticas entre mulheres, entre irmãos ou entre uma mãe e seu filho no século XIX, por exemplo, podem caracterizar um perfil sociocultural de uma comunidade de fala de épocas anteriores e explicar ou justificar a preferência para certos estilos linguísticos. Por ora, foram observadas, nas cartas escritas entre os membros de uma família, algumas características da comunidade daquela época, considerada conservadora no papel da mulher na sociedade; preconceituosa quanto à figura do negro escravo; elitizada quanto ao acesso de bens e artefatos.

As perspectivas futuras, a partir do *corpus* levantado, é de se verificar se há relação desse perfil sociocultural entre remetentes/destinatários e as formas linguísticas empregadas por eles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MONTGOMERY, Michael. Variation and historical linguistics. In: BAYLEY, Robert; LUCAS, Ceil. (org). *Sociolinguistic Variation. Theories, Methods and Applications*. Cambridge, University Press, 2007. p. 70-89.
- ROMAINE, S. (ed). *Sociolinguistic variation in speech communities*. Londres: Edward Arnold, 1982